

A FORMAÇÃO DE PALAVRAS A PARTIR DE SIGLAS E ACRÔNIMOS ESTRANGEIROS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Alexandre António Timbane

**Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara
Pós-doutorando em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/FAPESP)
Docente na Universidade Academia de Ciências Policiais de Moçambique**

RESUMO

O presente artigo é uma reflexão sobre o uso de acrônimos e de siglas estrangeiras como palavras na língua portuguesa falada no Brasil. Será que os falantes usam as siglas e acrônimos conscientes de que são tais? A hipótese é a de que se perde a noção de acrônimo/sigla e se passa a usar como palavra. O objetivo da pesquisa é de identificar as siglas e os acrônimos do inglês mais frequentes no português; explicar o aportuguesamento e integração na língua. Constatou-se o uso crescente de siglas e de acrônimos vindos principalmente do inglês na fala/escrita cotidiana. Usando um questionário de cinco perguntas do tipo fechando inquiriu-se 30 falantes residentes na cidade de Araraquara-SP. Da pesquisa, constatou-se que há uma estabilização linguística dessas siglas/acrônimos e que estes são usados como palavras, esquecendo até do significado de cada uma das letras ou sílabas. O nível de escolaridade, a localização geográfica e tipo de profissão ditam o uso ou não das siglas, sendo a maior parte das siglas vindas da área da informática e das novas tecnologias.

Palavras-chave: Estrangeirismos. Siglas e Acrônimos. Palavras. Língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Língua Portuguesa (doravante LP) tende a mudar ao longo do tempo, resultado de variáveis sociais e linguísticas que podem ser observadas ao longo do tempo, num determinado espaço geográfico. As mudanças linguísticas muitas vezes não são perceptíveis e isso é resultado da frequência de uso das línguas. A sociolinguística se interessa pelo estudo da língua em seu contexto social, quer dizer, no seio da comunidade de fala, tendo em conta o grupo social, a idade, a escolaridade, o sexo, localização geográfica, etc. Fenômenos linguísticos do tipo neologismos, estrangeirismos e empréstimos têm enriquecido a língua portuguesa nos últimos anos, resultado do surgimento das novas tecnologias e do impacto do inglês, que é usado por cerca de 375 milhões de falantes nativos no mundo.

O advento das novas tecnologias de informação faz com que surjam expressões, palavras, siglas, acrônimos e abreviaturas com muita frequência no português, a maioria dos quais são provenientes do inglês. Nesta pesquisa, debateram-se os conceitos sigla e de

acrônimo provenientes do inglês bem como os processos da sua integração. Percebe-se que há uma necessidade de tratarmos com seriedade estes aspetos linguísticos, pois a maior parte delas passa a serem palavras na nossa língua e são usadas com frequência na comunicação (escrita/oral) cotidiana. Assim, partimos da hipótese de que os falantes do português não assumem siglas e acrônimos como tais, mas sim, como palavras porque muitas vezes não procuram saber o significado de cada uma das letras ou sílabas.

DEBATES E FUNDAMENTOS SOBRE O ESTUDO

O léxico surge da necessidade que o homem tem de atribuir nomes às coisas, aos fenômenos, aos objetos, à situação, etc. Alguns fenômenos/situações/objetos não podem ser designados por uma só palavra, e por isso surgem palavras compostas para designar um só fenômeno, com é o caso de arco-íris, girassol, cabra-cega, mesa-redonda, etc. Essa nomeação depende de língua para língua. O importante é que a palavra se perpetue quando for aceite pela comunidade linguística em causa. As palavras aparecem e desaparecem (perdem a frequência de uso) ao longo da história da língua, dependendo de vários fatores sociais, políticos, econômicos ou culturais.

A lexicologia estuda e analisa a palavra, fazendo com que esta seja categorizada e estruturada. A lexicologia se ocupa também da formação de palavras bem como da criatividade linguística que se processa por meio de neologismos, pois as criações novas podem ocorrer dentro da língua, isto é, da matriz interna ou podem ocorrer na matriz externa. (TIMBANE, 2013). O fenômeno siglas/acrônimos merece um espaço forte entre linguistas que se interessam pela sincronia porque é aqui onde se pode compreender o estado atual da língua.



Assim os termos técnico-científicos são gerados com base na lógica da língua em questão, segundo os padrões lexicais nela existentes. Executam-se os empréstimos linguísticos, muito frequentes no mundo contemporâneo, sobretudo anglicismos, que se vêm propagando por todas as línguas, em virtude do papel hegemônico exercido pelos Estados Unidos na contemporaneidade. De fato, o inglês tornou-se a língua universal da ciência e da tecnologia. (BIDERMAN, 2001, p.15).

Tal como Biderman explica, a presença de anglicismos no português é uma realidade inevitável e incontornável. Sendo assim, é importante observar o impacto que estes

estrangeirismos têm na LP hoje, porque só desta forma é que saberemos, de fato, como usá-las em contextos de comunicação e disciplinar o seu uso. Barros (2004) aponta que “as mudanças socioeconômicas e políticas tiveram repercussões em nível vocabular: a cada invenção, a cada nova situação, atividade, produto, serviço, reivindicação, lei etc. Surgiram novos termos correspondentes.” (BARROS, 2004, p.26). Segundo Barros, o universo lexical das línguas transformou-se, ampliando-se substancialmente, o mesmo sucedendo com o conjunto terminológico que, aliás, cresceu em maior proporção. Quando falamos de estrangeirismos estamos falando de palavras. Mas o que seria “palavra”?

COMO DEFINIR O CONCEITO “PALAVRA”

Não podemos falar de siglas/acrônimos, abreviaturas sem definirmos claramente os conceitos de **terminologia** e de **palavra**. A terminologia é “compreendida como léxico dos saberes técnicos e científicos, é inegavelmente uma prática antiga, posto que o conhecimento especializado não é fenômeno dos tempos atuais.” (KRIEGER & FINATTO, 2004, p.24). As siglas e os acrônimos apresentados nesta pesquisa pertencem às áreas específicas do conhecimento, desde a biologia, informática, etc.

O conceito de **palavra** constitui um problema na linguística. É que não existe uma definição acabada, definitiva, universal e indiscutível no fórum linguístico. Segundo Biderman (1999, p.81) no 4º Congresso Internacional de Linguística, em Paris, no ano 1948, houve debates fortíssimos sobre o conceito que até se chegou ao ponto de banir o conceito “palavra” na linguística, fato que não se concretizou. Para a Biderman (1999), a palavra seria uma sequência fonológica que recorre sempre com o mesmo significado. Sendo assim, “uma palavra seria uma sequência fônica que constitui uma emissão completa e após a qual a pausa seria possível” (BIDERMAN, 1999, p.83). Por sua vez, Barros (2004, p.40) define palavra como sendo uma “unidade lexical, ou seja, é um signo linguístico, composto de expressão e de conteúdo, que pertence a uma das dez classes gramaticais”. Tanto a palavra quanto o termo são unidades lexicais.

A função da palavra é representar partes do pensamento humano, e por isso ela constitui uma unidade da linguagem humana. Akmajian et alli (1995) chegaram a mesma conclusão nas pesquisas feitas com acrônimos, pois os acrônimos por si só apresentam dois componentes: o som e o significado. São estas as duas componentes principais que definem a

palavra. Segundo os autores, “novas palavras podem ser criadas através da invenção de uma sequência de som novo e combiná-lo com um significado, mudando o significado de uma palavra já existente, sem mudar a pronúncia ou modificando ou aumentando a sequência de som de palavra já existente.” (AKMAJIAN et alli, 1995, p.95).

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E OS PROCESSOS DE INTEGRAÇÃO DE ESTRANGEIRISMOS

As línguas nunca param no tempo enquanto instrumento de comunicação. Câmara Jr. (1989) designa esse processo de evolução linguística. É importante deixar claro que a evolução não tem nada a ver com a passagem para o melhor ou para o pior. Simplesmente as línguas mudam, de forma contínua, paulatina e progressiva. Não precisamos ir muito longe: a língua que falamos hoje (o português) é resultado de profundas transformações do latim vulgar falado há séculos atrás. Alguns desavisados se esquecem dessas transformações que acontecem com todas as línguas do mundo e criticam as mudanças atuais da língua, como se fosse um fenômeno anormal. As mudanças acontecem porque a,

Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra. Para a sociolinguística, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos, sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais, etc. (BAGNO, 2008, p.38).

A variação pode afetar diversas áreas: o fonético-fonológica, a morfológica, a sintaxe, a semântica, o léxico, o estilístico-pragmático. Em nível de fatores extralinguísticos pode-se considerar a origem geográfica, o status socioeconômico, o grau de escolarização, a idade, o gênero, o mercado de trabalho, as redes sociais. Na variação há que considerar o estilo monitorado e o livre, pois “não existe falante de estilo único: todo e qualquer indivíduo varia a sua maneira de falar, monitora mais ou menos o seu comportamento verbal, independentemente de seu grau de instrução, classe social, faixa etária, etc.” (BAGNO, 2008, p.47). O léxico de qualquer que seja a língua, tem tendência a

renovar-se e a ampliar-se resultante dos contatos linguísticos e interculturais e de necessidade de nomeação de novos referentes da realidade circundante, como também pode manter-se conservador em comunidades isoladas

geograficamente e pouco expostas a avanços tecnológicos, a meios de comunicação de massa.” (ISQUERDO, 2004, p.11).

A presença de estrangeirismos e empréstimos por meio de siglas/acrônimos nas línguas é resultado do desenvolvimento da ciência e da necessidade de dar nomes aos novos fenômenos da atualidade. O estrangeirismo, segundo Timbane (2012, p.8) é uma “palavra de uma língua **A** que passa a ser usada na língua **B** que pode ou não conservar as características da língua de origem, quer dizer, é o emprego de unidades lexicais provenientes de outra (s) língua (s)”.

Por uma questão de terminológica, optamos pela palavra estrangeirismos, como um grande grupo, do qual encontramos os subgrupos: anglicismos, latinismos, galicismos, italianismos, americanismos, moçambicanismos, angolanismos, etc. O português brasileiro tem muitos estrangeirismos vindos de inglês. São exemplos de *brother, delivery, designer, fashion, jeans, link, delete, t-shirt, show, site, self-service, off, car wash, pendrive, etc.* Trabalho de Ranford, Atkinson, Britain et alli (2000) mostra que na língua inglesa há presença de italianismos (*pizza, risotto*), de russianismos (*vodka*), os hungarianismos (*goulash*), os turquianismos (*coffee e yoghurt*), os arabianismos (*alcohol e sherbet*), entre outros. Este fenômeno resulta do contato que cada grupo linguístico tem com outras línguas.

Os estrangeirismos podem ser necessários ou de luxo (TIMBANE, 2013). Os estrangeirismos necessários são aqueles que não têm equivalência na língua de chegada. Servem de exemplos as palavras *pizza, jiu-jitsu, crack, gay, jeans, baton*. Os estrangeirismos de luxo são aquelas palavras estrangeiras que têm o equivalente, mas que por preferência os falantes usam a unidade lexical estrangeira. É o exemplo de *laptop, AIDS, fashion, show, etc.*

Segundo Freitas, Ramilo e Soalheiro (2005), a transformação lexical de uma língua para a outra segue três fases principais: **1ª fase:** há adaptação fonética imediata, adaptação morfossintática imediata; há manutenção de um dos significados da língua de origem, grafia da língua de origem e, por fim, hesitação nos tipos gráficos. Na **2ª fase**, há aprofundamento da adaptação fonética e morfossintática; há possibilidade de formação de novas palavras por composição e prefixação tendo como base o estrangeirismo ou aparecimento de formas gráficas em alternativa às da língua de origem. Finalmente, na **3ª fase** há estabilização fonológica, quer dizer, há fixação do acento; nota-se que há fixação do gênero e das formas de singular e plural.

BREVE HISTÓRICO SOBRE AS SIGLAS E OS ACRÔNIMOS

Segundo Houaiss (2009, p.1742), as siglas datam de 1836. São definidas como sendo “a letra inicial de uma palavra ou conjunto de letras iniciais de diversas palavras.” Por sua vez os acrônimos são mais recentes. Para Houaiss (2009, p.42) os acrônimos datam do século XX e se referem a “palavra formada pela inicial ou por mais de uma letra de cada um dos segmentos sucessivos de uma locução ou pela maioria dessas letras”. O homem sentiu necessidade de reduzir as palavras para poupar o espaço e o tempo. Algumas siglas, pela sua extensão, são de difícil pronúncia e por vezes há dificuldades na enunciação, principalmente quando a sua origem é estrangeira.

Um dos acrônimos mais citados em artigos e trabalhos que falam sobre este assunto é INRI que significa *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum* ou por outras, Jesus Nazareno Rei dos Judeus, acrônimo atribuído por Pilatos que ordenou que fosse fixado na cruz onde Jesus Cristo foi morto. Para além de ser identificação, este acrônimo significava a acusação que resultou na sua crucificação e morte (MATEUS, 2000, pp.35-38). Ao contrário do que muitos creem, o acrônimo INRI foi criado antes da crucificação de Jesus. Vê-se o uso do mantra INRI secretamente entre os egípcios, os pársis (adoradores do fogo no Irã), e mesmo entre os maias, astecas e incas (o Deus do Sol entre eles era chamado de INTI, uma variação de INRI). Algumas siglas ou acrônimos, por serem tão recentes já apresentam data do seu surgimento: IPOD (*Incorporated Portable On Demand*) data de 2008, ano que fabricaram os primeiros exemplares desses aparelhos eletrônicos.

Outra sigla é GPS, nome que se deu ao aparelho eletrônico que surgiu em 1973, nos Estados Unidos. Segundo Akmajian, Demiers, Farmer et al. (1995) a sigla OK data de 1830 e significava *Old Konderhook*, o nome de uma organização partidária nos Estados Unidos da América. Outra teoria defende que OK vem de *oll korrekt*, cuja escrita é *all correct*. (AKMAJIAN; DEMERS; FARMER et al.,1995, p.24).

Falar de siglas é falar de inicialismo, porque de forma geral as siglas são resultado da junção de iniciais ou pelo menos as primeiras sílabas das palavras (ALCARAZ, 2003). Em outras palavras, seria a redução de termos ou expressões com o uso de letras ou sílabas iniciais. O processo de “siglação” cria siglas mantendo as letras iniciais das palavras portuguesas. É uma técnica antiga, característico da língua escrita, embora sendo também usada oralmente. As siglas não têm uma regra fixa e dependem de língua para língua. As siglas são pronunciadas letra por letra, tal como, no exemplo: HD, GPS, HIV, DVD, DNA,

BMW, CD, todas as letras pronunciadas em português e se escreve com maiúsculas na maioria dos casos. Ao observarmos estas siglas, notamos que elas não têm origem portuguesa. A sigla HD, GPS, USB, DVD pertencem à área da informática, DNA pertence à área da biologia e BMW pertence à tecnologia. As siglas aparecem tal como são nas línguas de origem. Quase que ninguém põe em causa a sua origem e tenta alterá-las.

Estão praticamente enraizadas no português de tal forma a que nem precisam de tradução. Ninguém tenta usar a sigla DD (para Disco Duro), nem SPG (Sistema de Posição Global) para a sigla GPS e nem VIH (Vírus de Imunodeficiência Humana) para HIV e assim, sucessivamente. Está provado que muitos falantes de português língua materna ou segunda língua podem estranhar as siglas DD, SPG e VIH embora sendo acrônimos/siglas da língua portuguesa. O problema que se verifica aqui é que as siglas inglesas (GPS, HIV, DVD, etc) já se enraizaram e se solidificaram na fala/escrita, de tal forma que são concebidas como originalmente do português. Ao falar ADN, alguns ou senão muitos falantes de português podem desconhecer esta sigla. Mas, se dissemos DNA, aí sim, todos entendem.

É preciso sublinhar que algumas siglas ditas do português fogem (em algumas vezes) das características apresentadas até agora. É o caso de nomes de Estados brasileiros: AC=Acre, AP= Amapá, RN= Rio Grande do Norte, etc. Por vezes, utiliza-se as duas primeiras palavras, mas também podem ser as iniciais. Assim, constata-se que não houve uma regra fixa para a criação das siglas acima apresentadas. Alguns dicionários¹ não conseguem trazer uma definição convincente sobre o conceito de sigla. Contudo, a definição do Dicionário Houaiss (2009, p. 1742) nos parece mais completa.

Diferentemente da sigla, o acrônimo “constitui-se por letras ou grupos de letras cuja pronúncia é silábica.” (MBANGALE, 2005, p.180). O acrônimo é pronunciado como uma palavra só, respeitando a estrutura silábica da língua, como no caso de RADAR (*Radio Detection and Ranging*), pronunciado [RadaR]. Mas aqueles acrônimos que são interligados por vogais são pronunciados como sílabas: UNESCO, UNESP, NATO, UNICEF, LASER. Mas na sigla SOS ninguém pronuncia como um conjunto, mas sim letra por letra [s/ɔ /s]. Tal como as siglas, os acrônimos também são arbitrários. Depende de quem inventa. Por exemplo, o acrônimo “IPOD” pode ter vários significados: *Internet Pod; International Patent Organism Depositary; Interim Planning Overlay District; Interface Protocol Option Devices; Image Processor for Optical Data (NASA)*. Dependendo do contexto situacional da

¹ Le petit Robert: Dictionnaire de la langue française (1998); Enciclopédia e Dicionário Ilustrado (1994).

comunicação, os falantes identificam de que IPOD se está falando. O objetivo fundamental é reduzir esta expressão longa pelo seu acrônimo. As definições apresentadas acima, comprovam a arbitrariedade do acrônimo. Vários estrangeirismos em forma de acrônimos são pronunciados na língua de chegada. Este acrônimo é um deles.

No português do Brasil, o acrônimo AIDS (*Acquired Immune Deficiency Syndrome*) é anglicismo (quer dizer, estrangeirismo) enquanto que em Portugal é SIDA (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida), é acrônimo do português. Por vezes, a gente se interroga sobre a escolha de um termo em diferentes países lusófonos. Porque falantes escolhem *golo* vs *gol*, SIDA vs AIDS, calção vs bermuda, autocarro vs ônibus e assim em diante? Esta preocupação não foi só nossa. Mateus já perguntava: “Se a língua é um fator de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes?” (MATEUS, 2000, p.53). É claro que esta discussão merece outro fórum, bem diferente deste. Voltemos ao debate sobre siglas.

A sigla HD não existe no português moçambicano, angolano, europeu, cabo verdiano, guineense e nem timorense. Nessas nacionalidades se chama “disco rígido” ou “disco duro” e não se usa nenhum acrônimo, nem nenhuma sigla, quer dizer, não se diz DR ou DD, como se podia prever logicamente. Mas o Brasil optou por usar a sigla HD que significa *Hard Disc*, proveniente de inglês. Por outro lado, no Brasil se usa a palavra “caixa eletrônico” para designar as máquinas automáticas dos bancos que servem para sacar, depositar ou fazer outras operações bancárias. A mesma máquina em Moçambique, Angola, Portugal se usa sigla ATM proveniente do inglês “*Automated Teller Machine*”. Conclui-se então que o uso de siglas e acrônimos tem a ver com contextos sociais, a influência regional bem como o contato com outras línguas. Cada grupo linguístico pode criar seus acrônimos e siglas dependendo das atrações sociais, econômicas e políticas.

APLICAÇÃO PRÁTICA DAS SIGLAS E ACRÔNIMOS

Para introduzir uma sigla num texto, primeiramente escreve-se por extenso a locução e, entre parênteses ou travessões, a sigla. A seguir, no mesmo texto, empregar-se-á apenas a sigla sem problemas. Esta é uma das regras. Dentro de um texto é preciso ver quais as siglas/acrônimos já padronizados ou não. Há siglas internacionais que já estão solidificados e que já não se pode reinventar mais nada. Em trabalhos de caráter científico, tais como, dissertações, monografias, teses, livros acadêmicos, literários, etc, devem ter no início do

texto uma página dedicada às siglas, acrônimos e abreviaturas. O objetivo é de facilitar a leitura para os que não conhecem tais siglas, acrônimos ou abreviaturas e possam compreender o texto. Esta página é opcional na maioria das vezes, mas importante e indispensável se no corpo do texto tivermos siglas e acrônimos. “Consiste na relação alfabética das abreviaturas e siglas utilizadas no texto, seguidas das palavras ou expressões correspondentes grafadas por extenso. Recomenda-se a elaboração de lista própria para cada tipo.” (Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2005, p. 3).

Das pesquisas realizadas por Mendes, Oliveira e Teixeira (2004) nota-se que “alguns acrônimos adquiriram já valor legal e representam mesmo marcas registradas”. Outros perderam o estatuto de acrônimos e já ninguém se lembra de alguma vez terem sido utilizados como tal: é o caso de LASER (*Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation*) ou RADAR (*Radio Detecting and Ranging*).

As iniciais ou as primeiras sílabas estão em maiúsculas. Nos casos de português encontramos alguns casos de mistura de maiúsculas e minúsculas, como nos casos de CNPq, UnB. Pelo fato de as siglas e acrônimos serem muito utilizados são considerados palavras. Em alguns casos há flexão em número. O plural das siglas/acrônimos é feito com acréscimos de **apóstrofe** e “s” minúsculo, por vezes se apóstrofe no caso de português. Vejamos alguns exemplos da pluralização das siglas e acrônimos: CD-CD’s; ONG-ONG’s; HD-HD’s; PC-PC’s; DVD-DVD’s; RADAR-RADARes; DJ-DJ’s; IPOD-IPOD’s. É importante sublinhar que os acrônimos, pela sua natureza, têm tendências a se transformar em palavras. Segundo Weg e Jesus de (2011, pp. 15-16) as palavras podem ser formação por abreviação (ex. foto, auto, moto), por onomatopeia (ex. tique-taque) ou pela siglação (ex. OAB, HIV).

Alguns acrônimos são de difícil explicação, quando se pretende dar uma definição num dicionário. Tomemos o exemplo de **LASER** (escrito em letra minúscula no dicionário), o que dá impressão de que o acrônimo é tratado como palavra, porque se for qual seria a explicação de começar com **L** maiúsculo e **aser** a minúsculas? Para além disso, temos outras acepções na mesma página: *laser beam, laser communications, laser engine, laser printer, laser-oriented unit, laser-style, laserdisc, laserjet, laserjet print, laserwriter*. Estas ações vão caracterizando contextos específicos e as derivações do acrônimo LASER. Se a palavra é “um signo linguístico, composto de expressão e de conteúdo, que pertence a uma das grandes classes gramaticais (substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, etc)” então, LASER também é palavra porque está carregada destas características. Em outras palavras,

o signo linguístico une não só uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la material, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2006, p.80).

Outro argumento que justifica que o acrônimo/sigla são considerados como palavras é o fato de se dispensar a sua decifração em jornais, revistas, entre outros. Vejamos alguns exemplos do Jornal Folha de São Paulo (JFSP):

- (a) “...na sexta-feira (16), a casa será comandada pelo DJ francês Antoine Clamaran e pela cantora norte-americana Alexis Jordan...” (JFSP, 07/09/2011)
- (b) “...casa onde Strauss-Kahn morou em NY é colocada à venda...”(JFSP, 07/09/2011)
- (c) “...a dupla sertaneja César Menotti e Fabiano acaba de lançar o DVD Maluco...”(JFSP , 07/09/2011)
- (d) “...CET retira radares “fantasmas” da Radial Leste, em SP...”(JFSP, 04/08/2011)

Nestes exemplos, nota-se que não há preocupação em decifrar o significado das siglas/acrônimos que sublinhamos: DJ, NY, DVD, radares. Vejamos que até para este último acrônimo, houve flexão para plural (de **radar** para **radares**, e ainda com letras minúsculas). Na língua portuguesa, sigla NY (New York) seria NI (Nova Iorque), o que não se verifica em muitos artigos dos meios de comunicação social. Não é fenômeno da *Folha de São Paulo* apenas, mas também muitos outros jornais da lusofonia. Olhando sob o ponto de vista sociolinguístico, os contextos sociais, geográficos e culturais fazem com que as siglas sejam diferentes com outros países de expressão oficial portuguesa. Nenhum país se fala melhor português que o outro, quer dizer, nenhum país se usa melhor (corretamente) as siglas que o outro. O que é preciso deixar claro é que as línguas variam com o tempo e com lugar. Os contextos sociolinguísticos permitiram para que no Brasil se escolhesse AIDS ao invés de SIDA, por exemplo.

Não há nada a explicar para casos de acrônimos e siglas de base portuguesa. Em muitos casos essas novas palavras reportam nomes de instituições. Para estes casos, não há interferência da língua inglesa: **UBEA**: União Brasileira de Educação e Assistência, **AGEXPP**: Agência Experimental de Propaganda e Publicidade, **CRUB**: Conselho dos

Reitores das Universidades Brasileiras, **VOLP**: Vocabulário Ortográfico Língua Portuguesa. Mas há casos de siglas/acrônimos bem cristalizados na língua de tal forma que nem parece que originam da língua inglesa. Para terminar esta parte, há que sublinhar que alguns acrônimos e siglas são nominalizados. Vejamos alguns exemplos que ilustram e sustentam as nossas afirmações: Transformação de sigla em nomes: **PMDB** (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) - **Peemedebista**: membro do PMDB; **PT** (Partido Trabalhista, **Petista**) - membro do PT; **FRELIMO** (Frente de Libertação de Moçambique)- frelimista; **RENAMO** (Resistência Nacional de Moçambique)- renamista.

METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Para esta pesquisa, aplicou-se o método quantitativo que se fundamenta a partir de um questionário distribuído a trinta informantes falantes de português como língua materna no Estado de São Paulo/Araraquara. Metade dos informantes são homens e metade mulheres. O questionário foi respondido em nossa presença, por forma a orientar e gravar a parte da pronúncia. A duração de cada questionário foi de 15 minutos, sendo 10 minutos para o preenchimento e 5 para gravação. As principais variáveis independentes que se teve em conta foram: a língua materna, local de residência, a idade, o nível de escolaridade e o sexo.

A pesquisa teve impedimentos somente em três informantes que aceitaram preenchimento do questionário, mas não aceitaram gravar. O objetivo da gravação era de entender sob o ponto fonético de qual língua os informantes pronunciavam uma determinada sigla ou acrônimo. O questionário foi composto de seis questões nas quais cada informante tinha a tarefa de assinalar com “X” na opção certa. Todas as questões eram de tipo fechado em que o informante assinalava a opção correta, segundo o caso. Na primeira questão estabeleceram-se três faixas etárias: menos de 18 anos, entre 18 a 59 e, finalmente, de 60 ou mais anos. Infelizmente, não se teve caso de informante com 60 ou mais anos. Outra variável que se considerou foi o nível de escolaridade (médio ou técnico e superior). Sabe-se que o nível acadêmico pode influenciar no conhecimento de acrônimos e siglas ou não em grande parte.

No questionário, havia trinta siglas/acrônimos, todas de origem inglesa e pediu-se para que os informantes assinalassem as siglas/acrônimos que **ouviram falar** na rádio, na televisão, já leram em jornais, revistas, livros, enfim, na vida do dia-a-dia. Outra pergunta

pedia que o informante assinalasse aquelas siglas/acrônimos que **conhecesse o significado**. Não fizemos distinção de sigla vs acrônimo no questionário para não levantar dúvidas conceituais, em informantes pouco avisados quanto a diferença entre os dois. Outra questão pedia que os informantes lessem algumas siglas/acrônimos para que fossem gravados. O objetivo era de saber se a pronúncia era **aportuguesada** ou era inglesa. Para a gravação, usamos o gravador *GPx-Digital/voice recorder-DVR701* tendo gasto um total de 27 minutos. É importante lembrar que, para o trabalho, priorizamos as siglas e acrônimos vindos de outras línguas, exceto do português. A escolha das siglas/acrônimos de inglês (estraneirismos) foi uma estratégia para nos aproximarmos dos objetivos da pesquisa. Os questionários/entrevistas foram aplicados no mês de agosto de 2011, na cidade de Araraquara-SP.

DISCUTINDO OS DADOS/RESULTADOS

Em estudos sociolinguísticos, as diferenças do gênero são importantes. Por exemplo, para as diferenças de voz, as diferenças mais evidentes se situam no plano lexical, embora se sabe que nas “sociedades ocidentais, a existência de um vocabulário feminino e de um vocabulário masculino parece menos acentuada e tende, progressivamente, ao desaparecimento” (PAIVA, 2004, p.32). As diferenças entre homens e mulheres podem ser percebidas através do grau de escolaridade, do nível social, da idade e de pertença étnica. O valor total dos dados encontrados na pesquisa é de 900 casos ou *tokens*. Esses dados são suficientes para se chegar a constatações importantes sobre o estudo de acrônimos e de siglas. O quadro 1 ilustra a distribuição dos dados por gênero.

Quadro 1: Distribuição dos dados por sexo

SEXO	OUVIU FALAR				CONHECE SIGNIFICADO			
	ASSINALOU		NÃO ASSINALOU		ASSINALOU		NÃO ASSINALOU	
MASC.	333	52,3%	58	22,1%	86	55,2%	364	48,9%
FEM.	304	47,7%	205	77,9%	70	44,8%	380	51,1%
Totais	637	100%	263	100%	156	100%	744	100%

Os informantes do sexo masculino ouviram falar (333/637) daquelas siglas e acrônimos e conhecem o significado delas (86/156). As mulheres por sua vez conhecem menos as siglas e acrônimos e nem conhecem o significado delas. Com este cruzamento pode-se dizer que os homens estão mais ligados às palavras estrangeiras se compararmos com as mulheres. Estes dados apoiam as afirmações de Paiva (2004, p.40) que “os homens estão mais sujeitos à influencia do prestígio encoberto das formas linguísticas do que as mulheres, dado que eles possuem mais mobilidade social e maior oportunidade de participação em grupos sociais fechados”. Outro dado importante é o fato de que 744/900 de dados não são conhecidos pelos informantes, o que significa que tanto homens como mulheres podem conhecer um determinado acrônimo ou sigla, mas sem conhecer o seu significado. Com isso concluímos que aquela sigla ou acrônimo é integrado como palavra e não mais como tal.

Outro dado importante a ser reportado é o fato de que as mulheres em 77,9% não conhecem os acrônimos e siglas estrangeiras. Esperávamos o contrário, isto porque vários estudos apontam que o papel tradicionalmente atribuído à mulher faz com que esteja em contato com vários fenômenos e vários ambientes sociais. O conservadorismo quanto ao uso de acrônimos e siglas estrangeiras pode se justificar pelo fato que elas têm a carga de transmissão de normas de comportamento social e linguístico aos filhos. (cf. PAIVA, 2004).

Com relação à distribuição dos dados por nível de escolaridade, observa-se que os informantes escolarizados (92%) identificaram siglas e acrônimos estrangeiros, resultado da aprendizagem do inglês na escola, pelo contato com as mídias, em especial com internet, bem como pelo contato com literatura diversa. Ainda olhando para distribuição por nível de escolaridade, percebe-se que os informantes com nível superior (236 ocorrências) e médio/técnico (242 ocorrências) conhecem muitas siglas/acrônimos se compararmos com os informantes do ensino fundamental (159 ocorrências). Esses dados ilustram a influência da formação acadêmica no enriquecimento lexical da língua, incluindo na importação de estrangeirismos.

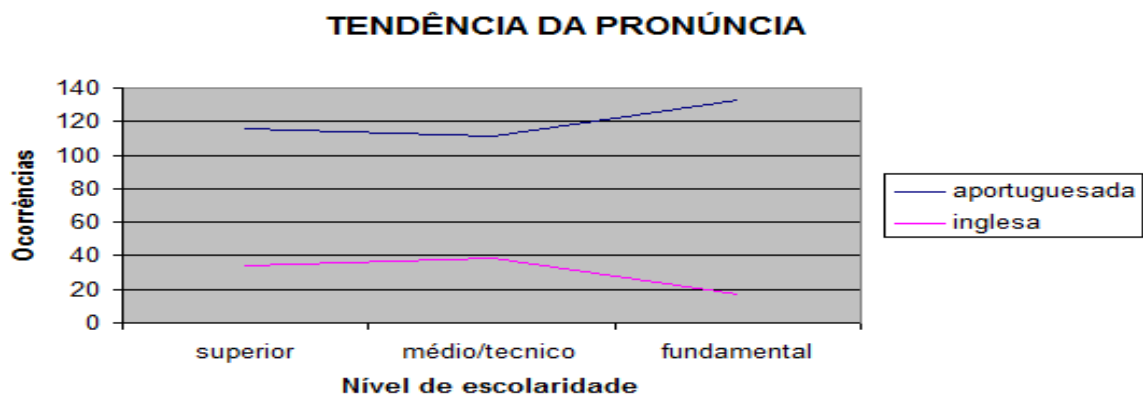
Os informantes com ensino fundamental conhecem o significado das siglas/acrônimos (38/156 ocorrências), o que prova a concepção da sigla/acrônimo como palavra e não como tal. Daí se conclui que os falantes não se preocupam em conhecer os significados dos acrônimos e siglas, mas sim, fazer passar a mensagem desejada. Todos os falantes conhecem a sigla SMS e todos sabem que se trata de um sistema de mensagens por telefone. Mas ninguém se preocupa em saber o que cada uma das letrinhas significa. Assim, conclui-se que

a comunidade linguística adota a sigla como palavra na língua portuguesa. Quem deve saber de onde vem a palavra é o linguista, e isso não interessa aos falantes. Por isso que há muitas palavras que veem do inglês para o português, e os falantes aceitam sem questionamentos.

Quem nega/contesta a existência das palavras *shopping*, *gol*, *hot-dog* e *dossier* no português brasileiro, dias de hoje? Porque os moçambicanos, por exemplo, contestariam *gol* e substituiriam por *golo*, *shopping* por supermercado, *hot-dog* por *sandes*, *dossier* por pasta. Mas a palavra **rolezinho**², que vem do francês, *rouler* (rodar, andar) não teria nenhum significado em Moçambique, Angola, Portugal, etc. É um neologismo que ocorre ainda no português do Brasil.

Ao longo desta pesquisa percebemos que o acrônimo PIN (*Personal Identification Number*) é pouco usado no português do Brasil, pois os falantes substituem este por RG ou por *login*, este último que é estrangeirismo, vindo de inglês *log in*. É mais frequente se dizer, *coloque sua senha!* Ou *coloque seu login*. No português europeu, angolano e moçambicano é frequente se ouvir *palavra-passe*, *PIN* ou *senha*. O estrangeirismo *login* está bem difundido no português brasileiro de tal forma a que se neologizou para *logar*. Este processo pode-se designar por aportuguesamento de uma unidade lexical estrangeira. Quando gravamos a pronúncia de acrônimos e siglas percebemos que alguns itens são aportuguesados, outros não, tal como veremos mais adiante. Vejamos o gráfico 1. Ele indica o aportuguesamento por nível de escolaridade.

Gráfico 1: Pronúncia aportuguesada ou não por nível de escolaridade



² É um neologismo que surgiu em 2013 que significa “fazer um passeio” ou “dar uma volta”; **rolé** é também encontro de jovens (geralmente combinado através de mensagens de redes sociais) em praças, shoppings, parques públicos com objetivo de conversar, dançar ou divertir.

O nível de escolaridade tem influenciado na pronúncia. Os alunos aprendem línguas nas escolas e têm contatos com literaturas estrangeiras. Mas o que realmente constatamos, neste gráfico, é o decréscimo da pronúncia inglesa em siglas inglesas nos informantes que frequentam o ensino superior. Os alunos do ensino médio/técnico tendem a pronunciar as siglas/acrônimos em inglês. Os informantes encaram a sigla como uma palavra portuguesa, pronunciando-a em português. Poucos casos (média de 30 casos, nos três níveis de ensino) em que se pronuncia de forma inglesa. Estes são sustentados pelos dados de Neves (2010, p.259), pois o que acontece é que sempre se mantém a escrita inglesa. Em alguns casos de pronúncia de forma inglesa, às vezes, de forma aportuguesada. Neves defende que

nenhuma palavra se mantém com afeição fonológica estranha à língua portuguesa, e que nenhuma palavra aportuguesada se mantém com feição gráfica discrepante das regras ortográficas do português, o que testemunha o perfeito funcionamento das regras de incorporação de vocábulos.(NEVES, 2010, p.259).

Os falantes do português escolhem a pronúncia que desejam usar nas siglas e nos acrônimos, o que significa que não existe uma regra estabelecida. As gravações são a prova dessa arbitrariedade da escolha da pronúncia. Vejamos bem alguns exemplos das diferenças na pronúncia: DJ pronuncia-se [didʒ eɪ] e não [dejota], R&B pronuncia-se [arendbi ou ε v i:be] e não [erbê], LASER pronuncia-se [leɪ zeɪ] e não [lazər]; E-MAIL pronuncia-se [imeɪ u] e não [emaiu], OK [oʊ keɪ] e não [oka], LG pronuncia-se [ε l dʒ i] e não [elʒ e], WI-FI pronuncia-se [uaɪ faɪ] e não [uifi], IPOD pronuncia-se [aɪ pɔ dʒ i] e não [ipɔdʒ i], GMAIL pronuncia-se [ʒ imeⁱu] e não [ʒ imaⁱu]. A lição que estes exemplos nos dão é a de que há siglas/acrônimos que mantêm a pronúncia inglesa e outras mudam, quer dizer, alguns conservam, outros não.

Houve coincidência de 45 ocorrências em palavras pronunciadas em inglês, tanto para homens quanto para mulheres. Por outro lado, as ocorrências em homens (183 ocorrências) e em mulheres (177 ocorrências) foram muito próximas havendo uma diferença de 6 ocorrências entre elas. Essa margem não é muito considerável nesses dados que apresentamos e, por isso, concluímos não haver diferença no que diz respeito à dicotomia sexo/pronúncia das siglas e acrônimos de origem inglesa. O mesmo estudo se fosse aplicado em países africanos, tal como Moçambique, país em que há desigualdades maiores entre homens e

mulheres, colheríamos resultados bem diferentes. (TIMBANE, 2013). Estes aspectos estão intimamente ligados à cultura e às tradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa debatemos os conceitos de variação linguística por meio de estrangeirismos em siglas e acrônimos e colocamos “na mesa” a nossa opinião sobre o assunto. Os conceitos parecem simples quando consultamos um dicionário, mas à medida que se aprofunda, apercebemos que não é simples assim. Há perguntas que pairam no ar: até que ponto uma palavra/acrônimo/sigla deixa de ser estrangeiro e passa a ser portuguesa? Quais as categorias para essa “passagem”? Será que o dicionário é suficiente para desneologizar uma sigla ou acrônimo estrangeiros? Quem nunca falou: *vou comprar CD!* Por que não se diz *vou comprar DC*, porque DC é “Disco Compato” em português? Que pronúncia a usar? A inglesa ou a portuguesa? As questões aparecem porque este assunto é primordial e profundo. A escolha da sigla, a pronúncia a usar depende do que a comunidade linguista define. Não cabe aos linguistas nem aos políticos a tomada de decisões. Entendemos que não basta a dicionarização para definir a desneologização de uma sigla/acrônimo. É preciso haver o que o linguista francês Jean François Sablayrolles designa por “sentimento neológico”. Quem determina a permanência de uma sigla/acrônimo proveniente de uma língua estrangeira é a frequência do uso. Sabe-se que há muitas palavras que estão alistadas no dicionário e que não são usadas pelos usuários.

Bagno (2008) avisa: *Nada na língua é por acaso!* Não é por acaso porque a língua reflete a realidade sociolinguística dos seus falantes. O uso das siglas DNA e HIV ao invés de ADN e VIH reflete a escolha feita pela comunidade linguística. A língua é propriedade da comunidade linguística, quer dizer, cabe ao povo escolher a sigla/acrônimo a usar. Não é vontade de políticos nem de linguistas. É por isso que os estrangeirismos por meio de siglas continuarão enquanto a comunidade linguística usá-las na comunicação cotidiana. É um fenômeno inexplicável e muitas vezes curiosa a forma como os estrangeirismos aparecem, se integram e, por vezes, desaparecem na língua. Queremos defender que a sigla/acrônimo constitui uma unidade léxica que remete a um único significado. A sigla/abreviatura é uma unidade complexa que remete ao léxico da língua. Os acrônimos, as siglas e as abreviaturas passam a ser **palavras** quando se consolidam da fala da comunidade. Há mais frequência de

siglas/acrônimos com pronúncia inglesa. Os falantes, dependendo da sua experiência, nível de escolaridade e sexo podem aporuguesar as siglas e os acrônimos. Qualquer integração de estrangeirismos deve seguir as normas morfológicas do português. Por isso radar e laser pluralizaram-se, colocando radares e lasers respectivamente. O primeiro acrônimo pronunciando-se com regras fonológicas do português /radar/ e a segunda pronunciada com as regras fonológicas do inglês /leizer/ e não /lazer/.

A flexão em número das siglas/acrônimos indica que elas são palavras e já estão integradas na língua portuguesa. Exemplo: radar/radares, CD/CD's. O uso destes acrônimos e siglas é muito interessante, pois constatamos que os falantes de português não conhecem o significado em inglês. Não se preocupam com o significado, mas sim, pelo contexto e uso na comunicação do dia a dia. As palavras podem se formar por meio de abreviaturas, de acrônimos e de siglas formadas dentro da língua (neologismos) ou fora dela (estrangeirismos e empréstimos).

REFERÊNCIAS

AKMAJIAN, A; DEMERS, R.; FARMER, A. et al. **Linguistics: an introduction to language and communication**. 4ª ed. London/Cambridge: The MIT Press, 1995.

ALCARAZ, M. Las siglas del discurso biomédico escrito en inglés: análisis y aplicaciones didácticas. In **The ESP**. nº 23, v.1, 2003. pp. 37-51,

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). Informação e documentação - Projeto de pesquisa - Apresentação NBR 15287. Rio de Janeiro, 2005.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2008.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSO, 2004.

BIDERMAN, M. T. C. Conceito linguístico de palavra. In BASILIO, M. (org). **A delimitação de unidades lexicais**. volume temático I. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. As ciências do léxico. In OLIVEIRA de, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, 2ªed. Campo Grande: Ed. UFMS/INEP, 2001.

CAMARA JR, J. M. **Princípios de linguística geral**. 7ªed. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Houaiss, 2009.

ENCICLOPÉDIA E DICIONÁRIO ILUSTRADO. Rio de Janeiro: Delta, 1994.

FREITAS, T.; RAMILO, M. C; SOALHEIRO, E. O processo de interação dos estrangeirismos no português Europeu. In MATEUS, M. H. M.; NASCIMENTO de, F. B. (orgs.). **A língua portuguesa em mudança**. Lisboa, Caminhos, 2005.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO (JFSP). **Famosa boate gay completa sete anos com DJs internacionais**. São Paulo, 07/09/2011. Disponível em: <<http://guia.folha.uol.com.br/noite/970559-famosa-boate-gay-completa-sete-anos-com-djs-internacionais.shtml>>. Acesso em: 12 dez 2012.

_____. **CET retira radares 'fantasmas' da Radial Leste em SP**. São Paulo, 04/08/2011. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/cotidiano/954168-cet-retira-radares-fantasmas-da-radial-leste-em-sp.html>>. Acesso em: 12 dez 2012.

_____. **Cante com Cesar Menotti e Fabiano grandes sucessos em novo DVD**. São Paulo, 07/09/2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/970673-cante-com-cesar-menotti-e-fabiano-grandes-sucessos-em-novo-dvd.shtml>>. Acesso em: 12 dez 2012.

_____. **Casa onde Strauss-Kahn morou em NY é colocada à venda**. São Paulo, 07/09/2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2011/09/971786-casa-onde-strauss-kahn-morou-em-ny-e-colocada-a-venda.shtml>>. Acesso em: 12 dez 2012.

ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. **As ciências do léxico**: Lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande, UFMS, 2004. pp.11-15.

KRIGER, M. da G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LE PETIT ROBERT: Dictionnaire de la langue française. Paris: Le Robert, 1998.

MATEUS, M. H. M. Se a língua é um fator de identificação cultural como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes? in MATEUS, M. H. M. (org.). **A face exposta da língua portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional-CM, 2000.

MBANGALE, M. T. As Unidades Neológicas do Português em África. In **Revista Babilónia**: línguas, cultura e tradução. nº2, v.3. 2005. pp.179-188.

MENDES, H. M; OLIVEIRA, C.; TEIXEIRA, A. PLE: uma sigla para ler ou soletrar? **Cadernos de PLE/ C. L. C**, nº 3, Universidade de Aveiro, 2004.

NEVES, M. H. de M. **Ensino de língua e vivência de linguagem**: Temas em confronto. São Paulo: Contexto, 2010.

PAIVA, M. C. A variável gênero/ sexo. In MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L.(orgs.). **Introdução à sociolinguística**: tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. pp. 32-42.

RANFORD, A.; ATKINSON, M.; BRITAIN, D. et al. **Linguistics: an introduction**. Cambridge: CUP, 2000.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TIMBANE, A. A. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. In **Via Litterae**. Anápolis. v.4. jan/Jun 2012. pp. 5-24.

_____. **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique**. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade Ciências e de Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2013.

WEG, R. M; JESUS de, V. A. **A língua como instrumento**. v.1. São Paulo: Contexto, 2011.

ABSTRACT

The present article is a reflection on the use of acronyms and abbreviations foreign as words in portuguese language spoken in Brazil. Did the speakers use the acronyms and who are aware of such acronyms? The hypothesis is that one loses the notion of acronym/abbreviation and is going to use as a word. The research objective to identify abbreviations and acronyms from english to portuguese language; explain the anglicization and integration in the language. Notably, there is increasing use of abbreviations and acronyms coming mainly from English in speech/writing every day. Using a questionnaire of five questions asked of type closing up 30 speakers residing in the city of Araraquara-SP. From research, it appears that there is a linguistic stabilization of these abbreviations/acronyms, and these are used as words, even forgetting the meaning of each of the letters or syllables. The level of education, geographic location and type of profession dictate the use of acronyms or not, being most acronyms comes from informatics and new technologies areas.

Keywords: Loanwords. Abbreviations and Acronyms. Words. Portuguese language.

Envio: Fevereiro/2014
Aprovação para publicação: Abril/2014